

## PRIMEIRO FINAL TAWAPAYERA

### TAWAPAYERA EM LISBOA

( Epígrafe )

“ O ritmo é de Boi! / é do Norte, é do mato, um sacode um balanço / gostoso / tá cheio de amor pra dar / não pede passaporte nem qualquer documento, vem / deixa o som te levar nessa festa meu bem / Isso aqui tá muito bom / quem quiser vem conhecer / Boi Bumbá é o nosso som / qualquer um pode aprender “

Talvez tenha sido quando vi pela primeira vez a pintura de Júlio Pomar “O banho das crianças no Tuatuari” que soube que um dia viria a conhecer a Amazônia : que, entretanto, se tornaria para mim lugar privilegiado de imaginação e alegria, sempre renovadas.

No centro destes sentimentos está o Festival Folclórico de PARINTINS, uma das mais emocionantes manifestações de cultura popular em que já participei.

A primeira vez que fui chegando a Parintins foi em Junho de 2013, ao longo das 20 horas da viagem realizada, a maior parte do tempo, balançando numa rede no convés do navio ou escorado na amurada, olhando os movimentos das águas escuras ou barrentas do rio Amazonas , as margens, as árvores, as janelas e varandas das casas onde as famílias dos ribeirinhos acenam ao longe, ao longo do rio que não cansa nunca.

Lembrei-me do que Pomar me tinha dito a propósito de “Tatuari”:

(citação ) desde “ Resolvo” até “imitará”.

Na minha primeira noite de Festival senti que podia fazer parte das cores, da luz, dos sons, das danças e, pouco a pouco, das personagens e das histórias que, entretanto, pouco a pouco, começaria a aprender, de um dos mais belos espetáculos do mundo. Voltei a lembrar-me de fulgores e esplendores de corpos e cores em pinturas das séries “amazônicas” de Pomar (...)

Só vários anos depois pensei que se me poderia colocar a questão de saber qual seria a minha situação : turista, torcedor, tupinamba ... . Optei por não me preocupar com tal questão.

\*

“ TAWAPAYÊRA “ foi o tema do espetáculo apresentado pela Associação Cultural do Boi Caprichoso em 2014. Desde então, ao ritmo das 6 horas de cada 3 noites de sucessivas edições do Festival, fui pensando que seria bom vir um dia a fazer alguma coisa sob este nome e inspiração. Poderia ser uma exposição.

Um benfazejo ensejo propiciado pelo AMJP fez surgir a exposição “TAWAPAYÊRA”. Agradeço o convite a Sara Antónia Matos e agradeço a colaboração de todos os envolvidos, com destaque para Pedro Faro e Hugo Diniz, cujo apoio foi para mim fundamental. Aos artistas quase parece mal agradecer porque todos sabemos que lhes deveremos sempre quase tudo.

A uma seleção de obras amazônicas de Júlio Pomar – 3 pinturas e uma série de desenhos nunca antes mostrados - juntam-se obras inéditas - feitas ou selecionadas de propósito para esta ocasião -, por três artistas da segunda década do novo século : DE, IJ e TA. Neles reconheço - como em tantos momentos da trajetória de Pomar - a energia vital, a liberdade criativa, a ausência de medo e o sentido (ético, mais que formal) da transgressão, que fazem o essencial do que me move no mundo da arte.

Ao contrário das mediocráticas conveniências dos (bons) gostos, dos regulamentos do (bom) design das formas e da correta (ó tão correta!) formatação dos (pre)conceitos.

Às figuras e explosões de cores dos “índios” de Júlio Pomar, junta-se o dom da libertinagem pictórica concedido a Dalmeida Esilva ( quem sabe se pelo próprio Zeus, máscara possível de todos nós ), mais os incidentes rituais (pós/punk/neo/pop/trash) das tribos juvenis de Tiago Alexandre, mais as convulsões dos corpos por Igor Jesus raptados (por exemplo em Saló, de Pasolini), em memória de inesquecíveis massacres.

\*

“ Pula galera ! Ao som dos tambores da Marujada ... A pajelança vai começar !!! “

Aquando do convite para fazer uma proposta de exposição no âmbito da programação que tem juntado obras de Pomar com obras de outros artistas, o tema já se tinha sido desenhado no horizonte de diversas passagens da minha vida : “TAWAPAYERA”. O ensejo da possível concretização apresentou-se com reforçada pertinência quando soube dos cadernos de desenhos realizados por Pomar na Amazônia dos quais pela primeira vez aqui foi exposta uma seleção realizada com base num trabalho de investigação conduzido por SAM e PF.

O convite a DE, IJ e TA surgiu de modo espontâneo, na sequência da circunstância de ter sido com eles que mais falara sobre a minha experiência do Festival de Parintins. Através da disponibilização de materiais literários, visuais e sonoros assegurei que teriam ao seu dispor todo o material referencial de que (não) precisariam para que tudo batesse certo. O ritmo é de Boi...

Falemos das obras de Pomar. À minha solicitação específica da presença da tela do Tatuari juntou-se a escolha concertada de duas pinturas em cujas cores, figuras e movimentos reconheço a liberdade artística e o espírito do Festival de Parintins ; e de Pomar.

A exuberância das cores, a evidência energética da evocação das figuras humanas, o dinamismo da composição que, em Pomar, não é saber técnico mas sabedoria, risco e desafio no modo de pintar.

Vistos e revistos ao vivo impressionaram-me ainda mais vivamente do que antecipara os vermelhos de ..., da cor do sangue ou das pinturas das cerimónias rituais de luta ou de festa. Que deixem correr e escorrer as cores ...

Começando a falar da montagem da exposição, comecei por pensar que a grande pintura do Tatuari deveria presidir ao conjunto, mas de forma não impositiva, antes inspiracional, na zona superior da parede maior. Aí pode dialogar diretamente com as maiores pinturas de DE, sobretudo quando as observamos do mezzanine.

## BANZEIRO

As pinturas de DE pertencem ( com uma exceção ) a uma série que toma como referencias ... . Na pintura do mezanine acrescem as referências a modernismos vários designadamente .... Ecleticismo e liberdade.

A exceção é a pintura maior e mais recente que - apesar de em nada se lhe assemelhar de modo óbvio -, permite insinuar um diálogo contrapontístico com a grande pintura de Pomar.

Uma estratégia de composição que funciona como que por acumulação de vagas de gestos, anulando ou reforçando marcas anteriores, sobrepondo-lhes novas marcas que, por sua vez, serão submetidas ao impacto de uma nova onda de pintura, sujeitando o conjunto a sucessivos testes de consistência e equilíbrio, arriscando sucessivos jogos de controversos contrastes cromáticos, até o artista chegar ao momento da tomada de decisão quanto à forma final do (des)equilíbrio do conjunto : uma pintura, uma estratégia de desmarcação, à maneira do futebol. O artista corre para poder receber a bola mais à frente.

O dinamismo da composição de ... corresponde à diversidade de marcas e referências convocadas por DE que vão de ... a ... passando por ... ou ... ou ..... Também por isso a propósito de DE falei de libertinagem pictórica e também pelo puro prazer de falar hoje, nos tempos que tão mal correm, de libertinagem.

A pintura ... de Pomar, na zona inferior da parede da direita, dialoga diretamente com os primeiros conjuntos de desenhos, tornando explícitos os critérios de seleção e organização dos desenhos, que se agrupam por temas, umas vezes associados à temática das pinturas, outras vezes autónomos. Assim, por exemplo, os conjuntos de desenhos das molocas e dos homens-pássaros são apresentados de modo autónomo numa parede do mezzanine. Foi importante, em termos de montagem, a opção por usar o espaço, com todo o potencial das suas características arquitetónicas específicas, em vez de tentar contrariá-lo. Tudo serve.

Um pequeno grupo de desenhos, logo à direita de quem entra, antecipa um dos temas da exposição : a luta. Reencontramo-los no mezzanine enquadrando os vermelhos de ... e insinuando um diálogo não demasiado secreto com os videos de IJ.

Dois pequenos desenhos à esquerda de quem entra antecipam não sei o quê. Só há vida.

## MYRAKĀWÉ

“ Devora-nos devora-nos devora-nos / devora-nos / crucificados / de cabeça pra baixo / karoara devorado vivo / em Myrakāwéra / no calvário dos parintins / rufem os tambores ! / que comece a devoração “

O que é que se passa na instalação de IJ ? Se não é fácil dizer o que se passa é porque tudo se passa já depois.

O ponto de vista é o do outro lado. Como já sabíamos das suas obras anteriores, por exemplo ... e ... .

Qual lado ? O lado do que no passado aconteceu ou devia ter acontecido ou não devia ter acontecido : o lado onde está o que do passado ficou e sobretudo o que dele está em falta. Uma falta irreparável e imperdoável. A impossibilidade de perdoar é a mais insidiosa forma da culpa e não há como não lhe pagar o triste preço. Talvez a arte possa ser a melhor ou a mais nobre forma de pagar este imprescritível tributo. Um pouco mais de violência. Um pouco menos amarga ?

Convém esclarecer que o outro lado não é o ponto de vista da morte (que é inconcebível). É o ponto de vista da vida, no seu modo mais radical e mais libertário, enquanto exigência de revivificação e re-encarnação. Trata-se de proceder a operações físicas cujo destino seria trazer de volta os passados e antepassados ao presente reino dos vivos. Ressurreições.

A ressurreição do Boi, a ressurreição das crianças sacrificadas, a libertação dos espíritos aprisionados, são algumas das principais tarefas do Pajé, infundavelmente reencenadas, nas mais variadas circunstâncias, ao longo dos espetáculos do Festival de Parintins.

O video ... faz parte da série de trabalhos que IJ tem dedicado aos atores que desempenharam os papeis de jovens vítimas em “Saló” de PPP. O artista conseguiu localizar alguns atores ainda vivos e que aceitaram colaborar nestes trabalhos. Neste caso trata-se de Franco Merli.

No video ... tudo se passa como se IJ quisesse à viva força voltar a dar ao corpo de Franco ... o estatuto de beleza e vitalidade que PPP lhe reconheceu quando o escolheu para protagonista ( Nur ed Din ) de “ Il fiore delle mille e una notte “ . E também quando o voltou a escolher para representar uma das vítimas em “Saló” com a pretensão - provavelmente absurda e reveladora de um outro tipo de questões do foro íntimo do próprio PPP - de demonstrar que essa vitalidade estava desde o início condenada e era afinal impossível.

No texto “ Abiura della Trilogia della Vita “- em que abjurou a “Trilogia da Vida” (...) e anunciou Salo - PPP declarou que não era mais possível reconhecer nos corpos contemporâneos os valores que antes haviam guiado as suas escolhas, e que essa impossibilidade alastrava de forma retrospectiva aos corpos que tinham sido os que ele desejara e aclamara quando fez a trilogia.

Para um artista contemporâneo que não tem a sabedoria de um Pajé mas talvez tenha, em rigor, os mesmo poderes – designadamente, o poder de comandar a imaginação de uma pequena comunidade : a dos que nele acreditam – pode parecer que a tarefa é inglória e está destinada ao fracasso. Mas não é assim.

Il poderá não lograr consumir a ilusão da ressurreição com a mestria dos artistas de Parintins mas cumpre impiedosa e escrupulosamente a sua exigência ética fundamental : fazer com que o que foi e é volte e continue a ser. O presente já foi. Aparentemente só há passado. Mesmo esta frase pretensiosa já passou. E no entanto é preciso fazer com que tudo continue a estar presente apesar de já ser sempre quase nada. É que na verdade só há vida. O nível de violência requerido pela prossecução desta tarefa não é fácil de subestimar.

As obras da série das malas, mochilas e casacos, de que aqui se apresentam ... podem também ser consideradas como formas de evocar e proteger marcas já quase esbatidas de acontecimentos passados por corpos des-abraçados. Quem sabe se como aqueles que em certos escuros momentos recordamos ou receamos, ou aqueles outros que às vezes julgamos vislumbrar enroscados num canto de um quarto, numa esquina de uma rua ou numa zona escondida de uma estação de comboios. Talvez os embrulhos queiram proteger, vestir, abraçar, dormir, descansar eternamente.

## SATERÉ – MAWÉ

O espaço central da exposição, no piso inferior, é ocupado pelas obras de TA que, apesar de cada uma delas ser autónoma, acabam por gerar um efeito de instalação, sobretudo devido á utilização de um conjunto de plintos – paralelepípedos brancos com diferentes dimensões e posições – que asseguram a fluidez da leitura do conjunto.

A forma de apresentação, para além de reforçar a articulação interna da presença do autor, também desenha subtis – cores, linhas - hipóteses de articulação com as obras dos outros artistas.

O primeiro foco da nossa atenção incide sobre um conjunto de xx máscaras, instaladas sobre os plintos. As máscaras vêm na sequência da série ... e de outros trabalhos anteriores.

Sabemos que estas máscaras, como muitas outras obras de TA, se relacionam com vivências da sua mais direta experiência pessoal, mas para um observador exterior é fácil nelas reconhecer os ecos de uma longa história de bustos, homenagens, máscaras mortuárias ou teatrais, instrumentos de riso e de medo, experiências pesadas e encenações ligeiras. Mais concretamente, a forma dada

aos cabelos traz referências egípcias e os incidentes que marcam a superfície dos rostos convocam aromas de feitiçaria. O uso de máscaras é um elemento fundamental e decisivo nos trabalhos rituais do Pajé.

Os incidentes que sulcam o rosto das máscaras resultam da presença de um conjunto de anéis que neles foram enterrados, incrustados, encastrados, incorporados. Poucas atividades serão mais decisivas do que inscrever gestos na pele e na carne dos rostos e dos corpos.

Possessão ou compromisso. Agressão ou adorno. Adoração ou blasfêmia. Promessa ou vitória. Luxo ou “kitsch”.

A simbologia genérica associável a anéis é interminável. Celebração de votos sentimentais (noivado, casamento, bodas de prata, ouro, platina...), adorno de luxo, marca de pertença “tribal”, recordação, celebração, ostentação.

Estes anéis em particular são anéis ... dos “teams” da NFL, anéis comemorativos da Superbowl que são ....

Neste sentido estão associados ao futebol - uma das principais formas de cultura popular de massas à face da Terra - e a toda uma parafernália específica da cultura popular americana.

Por associação, as máscaras também nos fazem agora pensar em capacetes de futebol americano ou, de forma mais geral, em coisas que se põem na cabeça : o que se relaciona diretamente para elementos de anteriores trabalhos de TA, como sejam os bonés, a touca de brilhantes em ... ou as motos, em geral, com os seus inevitáveis capacetes. (Veja-se a exposição na Galeria Balcony, Janeiro 2018).

A distância entre o futebol e a feitiçaria não é assim tão grande - basta pensar nas constantes acusações de recurso a bruxos trocadas entre clubes - e Gizé não é assim tão longe do stadium.

Se eu precisasse agora, à procura de uma conclusão, de me lembrar de um nome que só por si melhor nos diga o melhor da moderna cultura popular de todos os tempos, provavelmente não o conseguiria encontrar. Mas TA foi buscá-lo para me resolver o problema. John Ford. São de filmes de John Ford os títulos das obras de TA ...

Não há quase nada que seja importante que não se possa dizer a respeito dos filmes de John Ford, mas aqui evocaria apenas o valor supremo da camaradagem : os desafios e as conquistas, as lutas e as festas, o alcool e os puros sentimentos.

Uma pequena peça de parede ao cimo da escada mostra-nos um copo entornado com um anel dentro. Celebração, consumação ou despedida, de solteiros ou de casados (“lone rider”). Festa e ressaca. “Beber, cair, levantar”.

Lembro o ritual de iniciação dos adolescentes Sateré-Mawé - “luva tucandeira” - que ainda hoje se pratica regularmente na ilha de Parintins.

O video de TA evoca rituais adolescentes de exercício do risco, exploração da dor, excesso da emoção, provações físicas que são eternos componentes dos processos de iniciação que vão dando novos corpos às culturas juvenis. Importa reparar no colorido desenho de uma arara no rótulo da tombada garrafa de cachaça.

O comboio é o cavalo de ferro que passa e volta a passar e nunca acaba de passar. Como no movimento infinito do grande rio Amazonas que é vida e no qual tudo é vida.

Só há vida.